



V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 01 – Identidades, diferenças e desigualdades em debate.

EM NOME DE DEUS: A INFLUÊNCIA DAS RELIGIOSIDADES NO COMBATE DA HOMOFOBIA NA ESCOLA



EM NOME DE DEUS: A INFLUÊNCIA DAS RELIGIOSIDADES NO COMBATE DA HOMOFOBIA NA ESCOLA

Luciano Pereira dos Santos¹

Rita de Araujo Neves²

Resumo: A igreja cristã ao condenar a homossexualidade promoveu a heterossexualidade monogâmica como norma e, para isso, pregava que as relações homossexuais eram um dos pecados mais graves, tais como o canibalismo, a bestialidade ou ingestão de imundices. Essa visão influenciou a maneira como as pessoas com orientação homossexual eram/são tratadas, e, segundo Borrillo (2015), assim constitui-se a prática homofóbica. A homofobia no ambiente escolar aparece nos discursos docentes, nas piadas de estudantes, nas posturas de funcionários, etc.. Considerando as crescentes discussões sobre diversidade sexual nas políticas educacionais, este trabalho tem como pretensão investigar se as crenças religiosas de docentes interferem nas práticas pedagógicas e no combate à homofobia na escola. Os sujeitos do estudo são 208 docentes de nove escolas de ensino básico da rede pública da cidade de Pelotas/RS. Os dados foram coletados com a aplicação de questionário e os resultados foram analisados através da análise temática de conteúdo, ancorada nas investigações de Bardin (1979) e Minayo (2004). Ao fim, ressaltamos que a escola assume papel central no processo de transformação social, pois é o espaço onde discussões sobre sexualidades devem permear o processo educacional, mediante o contexto atual de lutas e reivindicações por garantias, ampliação e igualdade de direitos a todas/os, configurando-se, ainda, como *locus* de combate à discriminação e preconceito em relação à diversidade sexual.

Palavras-Chave: Crenças religiosas; Escola; Homofobia; Posicionamentos docentes; Práticas pedagógicas.

¹ Sociólogo e Cientista Político, Mestre e Doutorando em Educação no PPGE/FaE/UFPEL – Grupo de Pesquisa Processo de Trabalho Docente, D'GENERUS do Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL/RS-Brasil (lucianopereiraluciano@gmail.com);

² Advogada, Mestra e Doutoranda em Educação no PPGE/FaE/UFPEL – Prof.ª Adjunta na Faculdade de Direito (FADIR) da Universidade Federal do Rio Grande-FURG/RS-Brasil (profarita@yahoo.com.br).

1 Introdução e objetivo do estudo

As discussões que vêm ocorrendo no campo da Educação em torno das questões sobre as identidades sexuais e de gênero têm assumido um papel primordial na luta pela garantia de igualdade de direitos à população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), como pôde ser constatado nos intensos debates sobre a inclusão ou exclusão dessas questões no PNE (Plano Nacional de Educação) e nos PEE'S e PME's (Planos Estaduais e Municipais de Educação).

O termo homofobia foi cunhado na década de 1970 e tinha como significado original o medo expresso por pessoas heterossexuais de estarem na presença de pessoas homossexuais, de lá para cá o conceito passou por muitos questionamentos e significações diferentes (PRADO, 2010). Neste texto, a homofobia será entendida, de forma sucinta, como preconceito e discriminação voltados às pessoas homossexuais (BORRILLO, 2015)

Conforme Borrillo (2015):

Os elementos precursores de uma hostilidade contra lésbicas e gays emanam da tradição judaico-cristã. [...] Por sua vez, o cristianismo, ao acentuar a hostilidade da Lei judaica, começou por situar os atos homossexuais – e, em seguida, as pessoas que os cometem – não só fora da Salvação, mas também e, sobretudo, à margem da Natureza. O cristianismo triunfante transformará essa exclusão da natureza no elemento precursor e capital da ideologia homofóbica. Mais tarde, se o sodomita é condenado à fogueira, se o homossexual é considerado um doente suscetível de ser encarcerado ou se o perverso acaba seus dias nos campos de extermínio, é porque eles deixam de participar da natureza humana. A desumanização foi, assim, a *conditio sine qua non* da inferioridade, da segregação e da eliminação dos “marginais em matéria de sexo” (BORRILLO, 2015, p.43).

A igreja cristã, ao condenar a homossexualidade, promoveu a heterossexualidade monogâmica como norma e para isso passou a pregar que as relações homossexuais eram um dos pecados mais graves, tais como o canibalismo, a bestialidade ou ingestão de imundices. Essa visão passou a influenciar na maneira como as pessoas com orientação homossexual passaram a ser tratadas, e, segundo Borrillo (2015), foi se constituindo como uma prática homofóbica.

A homofobia está presente nos mais diversos grupos sociais, nas diferentes faixas etárias, em distintas profissões, locais, etc. No ambiente escolar, assim como em outros lugares, a homofobia aparece nos discursos docentes, nas piadas de alunos e alunos, nas posturas de funcionários, etc. (LOURO, 2007).

A partir dessas considerações, este trabalho tem como pretensão investigar se as crenças religiosas de professoras e professores interferem nas práticas pedagógicas e no

combate à homofobia na escola. Os dados constantes no texto foram coletados em 2015 e são oriundos de uma pesquisa de dissertação de Mestrado³, que analisou as contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada para o enfrentamento da homofobia na escola. Opta-se pelo recorte das religiosidades em virtude dos constantes atravessamentos de discursos religiosos nas crescentes discussões sobre diversidade sexual nas políticas educacionais na atualidade e por ser esta uma categoria não analisada na pesquisa original.

2 Breve fundamentação teórica

Historicamente a escola é uma instituição normativa, comprometida em manter a ordem social hegemônica vigente – a heteronormatividade. Tal conceito foi criado por Michel Warner em 1993 (DINIS, 2011) para descrever a norma que toma a heterossexualidade como universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante. A heterossexualidade é tida como “normal”, “natural” e “universal”. Por conseguinte, outras formas de sexualidade são tidas como anormais, sendo percebidas como desvio, aberração, anomalia, crime, doença, imoralidade, amoralidade, perversão, pecado, etc. (LOURO, 2007; JUNQUEIRA, 2009a).

O padrão heteronormativo molda na escola as condutas de discentes e docentes. Treinar as/os estudantes para o cumprimento das regras e enquadrá-las/los nos padrões sociais, é um dos atributos da escola (FERREIRA e SANTOS, 2014). Desse modo, a escola transmite e constrói conhecimentos ao passo que reproduz padrões sociais, consolida e perpetua valores e, constitui e constrói sujeitos, legitima relações de poder, hierarquias e processos de acumulação. Atua como um aparelho disciplinador e mantenedor da norma (JUNQUEIRA, 2009a).

Na escola estão presentes as diversas formas de expressão da sexualidade. Em uma visão geral “sexualidade é o conjunto de processos sociais que produzem e organizam a expressão do desejo e o gozo dos prazeres corporais, orientados a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo, de ambos os sexos, ou a si mesmo/a” (CARVALHO, MELO e ISMAEL, 2008, p.1).

Na escola, bem como em outros lugares, a homossexualidade é encarada como “contagiosa”, o que promove, conseqüentemente, a exclusão dessas pessoas, uma vez

³. SANTOS, Luciano Pereira dos. *Contribuições de disciplinas de gênero e sexualidades na formação docente inicial e continuada no enfrentamento da homofobia na escola*. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2016. Prof.^a Dr.^a Márcia Ondina Vieira Ferreira – Orientadora.

que a aproximação pode ser compreendida como uma identificação a tal identidade, o que vem a reforçar a marginalização desse grupo (LOURO, 2007). O ambiente escolar se apresenta como hostil/intolerante e violento em relação a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs), configurando-se, por muitas vezes, como espaço de produção e reprodução da homofobia (JUNQUEIRA, 2009b).

Conforme nos elucidava Borillo (2009), para além do medo e aversão a homossexuais, existem outras formas de homofobia já que o fenômeno é plural e complexo. Existe o que ele chama de “homofobia geral” que se configura como uma discriminação pelo indivíduo demonstrar, ou em se atribuir qualidades (ou defeitos) a pessoas que possuem características tradicionalmente pertencentes ao sexo/gênero oposto. Esta ocorre quando homens, por exemplo, apresentam características consideradas pertencentes ao universo feminino. A “homofobia individual” que estaria relacionada a uma forma de intolerância específica a gays e lésbicas e teria seus desdobramentos na utilização de termos como “gayfobia” e “lesbofobia”. Esta última, para o autor, teria sua especificidade em demarcar um duplo preconceito, contra o gênero feminino e contra a sexualidade.

A lésbica sofre uma violência particular advinda de um duplo menosprezo, pelo fato de ser mulher e pelo de ser homossexual. Diferentemente do gay, ela acumula discriminações contra o sexo e contra a sexualidade. (BORILLO, 2009, p.23)

Ainda nesse mesmo sentido, é necessário distinguir a homofobia afetiva, que Borillo (2009) ressalta como de caráter psicológico e que em seus discursos condena a homossexualidade como algo inaceitável, da homofobia cognitiva que ele explica como sendo a que atua no campo social e que se encarrega de perpetuar as diferenças entre heterossexualidade e homossexualidade, como ocorre, por exemplo, quando se nega direitos civis a casais homossexuais que são totalmente aceitáveis e inquestionáveis a casais heterossexuais como é o caso do casamento civil e o direito à adoção.

Marcelo Natividade (2009) discute formas distintas de homofobia presentes no discurso religioso. Para este autor há o que ele chama de “homofobia cordial”, “pastoral” e “religiosa” que mesmo partindo de um ideário que prega práticas de preconceito e a discriminação, guardam suas especificidades quanto à forma que elas se apresentam no espaço religioso. A homofobia cordial, contrariamente a algumas formas que segregam e excluem as pessoas devido à sua orientação sexual, aproximaria as pessoas de determinadas figuras no espaço religioso, que estabelecem relação de superioridade moral, em uma relação de assujeitamento, portanto, mantendo a perpetração de formas

sutis de violência. Na homofobia pastoral, ocorre uma tentativa de aproximação através da perspectiva do acolhimento embasados no discurso de “acolher para salvar/curar” e por fim, a homofobia religiosa seria um conjunto de “práticas e discursos que se baseiam em valores religiosos que opera por meio de táticas plurais e polimorfas de desqualificação e controle da diversidade sexual” (NATIVIDADE, 2009, p. 132).

Detentoras/res de seus princípios éticos e valores morais, munidas/os por conhecimentos específicos e regulados por um currículo, as/os docentes, interagem nesse espaço chamado escola, posicionando-se diante das manifestações homofóbicas ou de homoafetividade. Negar, ocultar e rejeitar a existência de homossexuais na sala de aula, fingir que eles/as não existem, possibilita que educandas/os gays e lésbicas reconheçam a si mesmas/os como desviantes, malquistas/os, desprezíveis e insignificantes e sejam acometidas/os por chistes/zombarias e insultos no ambiente e nas atividades escolares (Louro 1997).

3 Procedimentos metodológicos

Participaram desse estudo 208 (duzentos e oito) docentes de 9 (nove) unidades escolares de ensino básico das redes públicas – estadual e municipal – situadas na cidade de Pelotas/RS. A pesquisa utilizou questionário com questões abertas e fechadas como instrumento de coleta de dados e para a projeção e análise de tendências das informações foi realizada toda tarefa de processamento e compilação dos dados em planilhas Excel. Para a equivalência e comparação dos dados aferidos nas categorias a serem analisadas, foi utilizada a proporcionalidade percentual. Para a emersão das categorias de análise, utilizamos as tabelas de análise de conteúdo de Bardin (1979), na sequência foram criadas subcategorias empregando as técnicas de análise temática de Minayo (2004), a partir de então, ancorados nos estudos dessas autoras e demais teóricas/os que fundamentam essa investigação, foram realizadas as discussões e análises dos resultados.

4 O perfil das/dos respondentes

Apresentamos, resumidamente, os dados com maiores índices que compõem o perfil das/dos 208 (duzentos e oito) docentes participantes da pesquisa. O maior número de respondentes encontra-se na faixa etária entre 30 e 39 anos de idade (34%/71) e o menor entre 20 e 29 anos (5%/10). As mulheres representam 89% (186) de docentes, sendo que no que concerne ao estado civil 64% (132) são casadas/os ou vivem com

companheira/o e 76% (157) têm filhas/os. Heterossexuais representam 94% (194) do total de pesquisadas/os, 77% (160) são docentes do ensino fundamental 36% (74) são do ensino fundamental I – anos iniciais – e 41% (86) são do ensino fundamental II – anos finais – e quanto à área de conhecimento, 36% (74) são docentes da área de linguagens, códigos e suas tecnologias e 34% (70) do CAT⁴. Por fim, 36% (75) têm de zero a dez anos de docência e 55% (115) são sindicalizadas/os.

5 Apresentação e discussão dos dados

Iniciamos a apresentação dos dados, distribuindo o universo total de respondentes conforme suas religiosidades declaradas.

Tabela 1 – Distribuição de docentes segundo a declaração de suas religiosidades

Religião	Respondentes	
Católica	62	30%
Protestante	30	15%
Espírita	63	30%
Não Professa	53	25%
Total	208	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

Para fins de discussão e análise dos dados aferidos a partir das respostas das/dos docentes pesquisadas/os, para a equivalência das/dos mesmas/os, utilizou-se por critério a proporcionalidade percentual, conforme explicado anteriormente.

Perguntadas/os se, segundo suas opiniões, manifestações discriminatórias e preconceituosas em relação às sexualidades interferem no rendimento escolar de discentes que as sofrem os dados se apresentam conforme descritos na tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição de docentes segundo opinião sobre a interferência das manifestações discriminatórias e preconceituosas em relação às sexualidades no rendimento escolar de discentes que as sofrem, considerando a religiosidade declarada.

Interferência de manifestações discriminatórias e preconceituosas em relação às sexualidades no rendimento escolar de discentes que as sofrem	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Interferem muito	55	89%	60	95%	22	73%	41	77%
Interferem um pouco.	6	10%	2	3%	8	27%	9	17%
Não interferem de forma alguma.	1	2%	0	0%	0	0%	1	2%
NR	0	0%	1	2%	0	0%	2	4%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

⁴ CAT – currículo por atividade - é composto pela alfabetização, letramento e disciplinas dos anos iniciais. O CAT é ministrado por apenas uma/um docente durante todo o ano letivo para uma mesma turma.

Como indicam os dados, as/os respondentes em maior número, independentemente da religiosidade, afirmam que o rendimento escolar de discentes LGBTs sofre interferência da discriminação e preconceito que sofrem. Os índices mais expressivos estão entre as/os docentes espíritas e o menos expressivo entre as/os protestantes.

Conforme os dados constantes na tabela 3, que apresenta os índices de concordância e discordância com a afirmação “*Os outros alunos fazem chacota porque os alunos gays provocam. Tem uns que exageram e depois reclamam*”, o maior índice de concordância reside entre as/os docentes que não professam religião.

Tabela 3- Distribuição de docentes segundo a concordância ou discordância com a afirmação “Os outros alunos fazem chacota porque os alunos gays provocam. Tem uns que exageram e depois reclamam”, considerando a religiosidade declarada.

Os outros alunos fazem chacota porque os alunos gays provocam. Tem uns que exageram e depois reclamam	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Concorda Totalmente	2	3%	2	3%	1	3%	2	4%
Concorda Parcialmente.	12	19%	14	22%	4	13%	16	30%
Indiferente.	8	13%	3	5%	2	7%	3	6%
Discorda Parcialmente.	14	23%	13	21%	12	40%	11	21%
Discorda Totalmente.	23	37%	26	41%	8	27%	18	34%
Não Respondeu.	3	5%	5	8%	3	10%	3	6%
	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

Espíritas e católicas/os apresentam índices aproximados. Docentes protestantes apresentam o menor índice de concordância e o maior de discordância entre todas as categorias. Ao observarmos os dados apresentados e verificarmos que a culpabilização social (BORRILLO, 2009; LOURO, 1997) de pessoas LGBTs pela homofobia a que são acometidas aparece com maior índice entre as/os pesquisadas/os que não professam religião e menor índice entre as/os docentes protestantes. Esses apontamentos, no imaginário e pensamento social comum, poderiam levar ao entendimento de que a presença da religiosidade (seja ela qual for) pode ser um indicativo de maior sensibilidade quanto ao preconceito e discriminação sofrida por sujeitos LGBTs, não os atribuindo culpa pela homofobia que sofrem. No entanto, segundo os estudos de Natividade (2009) que nos fundamentam, é possível constatar a presença da homofobia cordial, que busca uma aproximação das pessoas LGBTs com pessoas de considerável destaque nos espaços religiosos estabelecendo com elas uma relação de superioridade moral, promovendo dessa forma o assujeitamento e inferiorização de sujeitos não heterossexuais. É perceptível, também, a existência da homofobia pastoral,

que tem por objetivo o acolhimento de pessoas LGBTs com o propósito de salvá-las, curá-las das homossexualidades.

Os índices de concordância e discordância em relação à afirmação “*Toda forma de amor é válida, desde que em ambiente íntimo e privado*” são apresentados na tabela 4.

Tabela 4 - Distribuição de docentes segundo a concordância ou discordância com a afirmação “*Toda forma de amor é válida, desde que em ambiente íntimo e privado*”, considerando a religiosidade declarada

Toda forma de amor é válida, desde que em ambiente íntimo e privado	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Concorda Totalmente	22	35%	15	24%	6	20%	11	21%
Concorda Parcialmente.	16	26%	20	32%	7	23%	15	28%
Indiferente.	5	8%	2	3%	2	7%	4	8%
Discorda Parcialmente.	11	18%	15	24%	6	20%	8	15%
Discorda Totalmente.	8	13%	10	16%	6	20%	14	26%
Não Respondeu.	0	0%	1	2%	3	10%	1	2%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

Historicamente as manifestações de afeto entre casais heterossexuais, indiferentemente da sociedade, nacionalidade, classe social, raça/etnia e faixa etária a que pertença, nível de escolaridade e condição financeira que tenha, têm ocupado o espaço tanto público quanto o privado. Confinar a afetividade homossexual ao espaço privado é não considerar as pessoas LGBTs detentoras dos mesmos direitos. Ainda que sob a alegação de que se referiram a qualquer forma de amor, seja ela hetero ou homossexual, a vida em sociedade nos mostra que essa regra, ao longo da história, só tem tido validade para sujeitos LGBTs, sendo essa uma das manifestações da homofobia social ou cognitiva (BORRILLO, 2009). Ao observarmos os dados, podemos verificar que os índices aferidos são similares em todos os itens (concordância, indiferença e discordância) e em todas as manifestações de religiosidade (professadas e não). Embora os apontamentos indiquem que a religião católica tem o maior índice entre as/os docentes que concordam e o menor entre as/os que discordam com a afirmação em questão a similaridade entre os índices, indiferentemente de professar ou não alguma religiosidade, evidenciam a negação da livre manifestação de afeto entre casais LGBTs na sociedade, configurando assim em homofobia social.

Os dados da tabela 5 referem-se ao grau de concordância e discordância em relação à afirmação “*A mídia (TV, internet, rádio, revistas, jornais, etc.) influencia o comportamento sexual de crianças e adolescentes, podendo influenciá-los à homossexualidade*”.

Tabela 5 - Distribuição de docentes segundo a concordância ou discordância com a afirmação “A mídia (TV, internet, rádio, revistas, jornais, etc.) influencia o comportamento sexual de crianças e adolescentes, podendo influenciá-los à homossexualidade.”, considerando a religiosidade declarada.

A mídia (TV, internet, rádio, revistas, jornais, etc.) influencia o comportamento sexual de crianças e adolescentes, podendo influenciá-los à homossexualidade.	Católicos		Espíritas		Protestantes		Não Professam	
Concorda Totalmente	4	6%	3	5%	10	33%	4	8%
Concorda Parcialmente.	20	32%	20	32%	8	27%	14	26%
Indiferente.	4	6%	2	3%	2	7%	1	2%
Discorda Parcialmente.	15	24%	10	16%	2	7%	10	19%
Discorda Totalmente.	17	27%	27	43%	5	17%	23	43%
Não Respondeu.	2	3%	1	2%	3	10%	1	2%
Total	62	100%	63	100%	30	100%	53	100%

Fonte: elaboração própria com dados coletados na pesquisa, 2017.

Examinando os dados de forma geral, podemos constatar que do total de pesquisadas/os que responderam essa questão (201), indiferentemente de professar ou não religião, um expressivo índice de docentes (42%/83) consideram que a mídia pode influenciar a orientação sexual de crianças e adolescentes e, inclusive, induzi-las à homossexualidade, caracterizando-a como contagiosa (LOURO, 2007). Tal constatação denota a ausência de conhecimento dessa parcela considerável de investigadas/os sobre questões relativas à orientação sexual e identidade de gênero, ao tempo que sinaliza a necessidade de cursos de formação docente continuada que tratem das temáticas relativas aos gêneros, identidades e sexualidades. Ajustando a análise para as religiosidades declaradas nesse estudo, podemos verificar que a religião protestante possui o maior índice de concordância (60%) e o menor de discordância (6%), caracterizando-a, nessa investigação, como a religiosidade que mais credita à mídia o poder de influência sobre as orientações sexuais. Diante das considerações postas, podemos ainda pressupor que docentes que mantêm tais crenças, não utilizarão como artefato pedagógico artigos de jornais, de revistas e de internet, bem como vídeos, filmes e imagens, dentre outros que tratem das questões das sexualidades e mais especificamente das homossexualidades em suas aulas, cerceando, assim, o corpo discente das discussões sobre promoção da garantia e igualdade de direitos às pessoas LGBTs.

6 Considerações finais

Esse estudo teve por objetivo investigar se as crenças religiosas de docentes interferem em suas práticas pedagógicas e no combate da homofobia na escola e contou com a participação de 208 (duzentos e oito) docentes de vários níveis e modalidades de ensino, advindas/os de nove escolas das redes públicas de ensino básico, situadas na cidade de Pelotas/RS.

A partir das análises realizadas, foi possível detectar que os posicionamentos e práticas pedagógicas das/dos docentes, maiormente, em todas as categorias analisadas, são permeadas por correntes de pensamentos conservadores e fundamentalismos religiosos e são atravessadas por diferentes formas de homofobia – geral, individual, afetiva, cognitiva, cordial, pastoral e religiosa. Diante dos apontamentos aqui apresentados, concluímos que práticas pedagógicas atravessadas por pensamentos conservadores e pela religiosidade atuam para além da reprodução da homofobia na escola, mas, sobretudo, promovem sua produção. Ressaltamos que a escola assume papel central no processo de transformação social, pois é o espaço onde discussões sobre sexualidades devem permear o processo educacional, mediante o contexto atual de lutas e reivindicações por garantias, ampliação e igualdade de direitos a todas/os, configurando-se, ainda, como *locus* de combate à discriminação e preconceito em relação à diversidade sexual. Defendemos, aqui, a laicidade da Educação para que verdadeiramente ela possa ser de todas/os e para todas/os.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BORILLO, Daniel. **Homofobia** – história e crítica de um preconceito. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual In:LIONÇO, Tatiana. **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Tatiana Lionço; Debora Diniz (Organizadoras). Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009, p. 47-72 .

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; MELO, Rosimary Alves de; ISMAEL, Eliana. Atividades com o corpo na educação infantil: limites da ação e formação docente. **Fazendo Gênero 8** - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis. 2008. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST53/Carvalho-Melo-Ismael_53.pdf. Acessado em 28/08/2017

DINIS, Nilson. Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil. n.39. p.39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; SANTOS, Luciano Pereira dos. Diversidade sexual e docência na produção do grupo de trabalho 23 da ANPEd (2004/2011). **Revista de Educação PUC – Campinas**, Campinas, v.19, n.3, p.195-204, set/ dez. 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. D. Diversidade sexual e homofobia: a escola tem tudo a ver com isso. In XAVIER FILHA, Constantina (org). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: UFMS, 2009a, p. 111-142

_____. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In JUNQUEIRA, R.D. (org). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/UNESCO, 2009b, p.13-51.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2 Ed. 1997.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004

NATIVIDADE, Marcelo.; OLIVEIRA, Leandro de. **Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobias em discursos evangélicos conservadores**. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), v. 2, p. 121-161, 2009.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Homofobia: muitos fenômenos sob o mesmo nome. In: PRADO, Marco Aurélio Máximo. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.